

Cinema na escola: prazer e aprendizagem em ambientes virtuais

J. António Moreira⁶⁸

Departamento de Educação e Ensino a Distância- Universidade Aberta

jmoreira@uab.pt

RESUMO

Em tempos de profundas mudanças e da vertiginosa evolução das tecnologias de informação e da comunicação (TIC) deparamo-nos com a necessidade de (re)pensar os processos de ensino-aprendizagem, numa escola cada vez mais plural e onde a exigência de uma pedagogia versátil e personalizada é inquestionável. Muitos professores, com o intuito de renovar esses processos têm procurado utilizar recursos audiovisuais responsivos e eficazes. No entanto, quer por razões pedagógicas, tecnológicas ou formativas, nem sempre tem sido tarefa fácil. Com o objectivo, de reflectir, acerca destas questões, apresentamos, neste texto, uma proposta metodológica de exploração didáctica de filmes, adaptável a qualquer nível de ensino, no sentido de promover o uso eficiente do cinema na escola.

Palavras-chave: cinema, filme, escola, ambiente virtual de aprendizagem, didáctica, prática pedagógica.

⁶⁸ Professor Auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta. Doutorando e Mestre em Ciências da Educação, especialidade em Formação de Professores, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Pós-Graduado em Multimédia pela Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e membro do Laboratório de Educação a Distância e Elearning (LE@D) da UAb. Recentemente tem publicado diversos artigos em revistas científicas nacionais e internacionais e participado em vários congressos nas áreas da Formação de Professores e da Educação *Online*.

ABSTRACT

In times of profound change and breakneck speed at which technologies of information and communication (ICTs) are developing, we are faced with the need to re(think) the teaching-learning processes, in a school which is increasingly plural, where versatile and customized teaching is unquestionable. In order to renew these processes, many teachers have sought to use responsive and effective audiovisual resources. However, either for educational, technological or formative reasons, this task has not always been easy. Our aim in this text is to reflect on these issues, by presenting a methodological proposal to explore the didactics of films, suited to all levels of education, in order to promote the efficient use of cinema in schools.

Keywords: cinema, film, school, virtual learning environment, didactic, pedagogical practise.

1. INTRODUÇÃO

Num tempo em que vivemos numa profunda dependência da imagem e em que se torna cada vez mais necessário desenvolver uma literacia à volta da leitura do que se “vê”, o audiovisual sendo um terreno propício e, inerente à atividade educativa, precisa de ser abordado de forma crítica e no sentido de serem clarificadas as suas potencialidades e virtudes, bem como as suas limitações e defeitos (Carvalho 1998).

Estamos num tempo de ruptura em que a compreensão ou tomada de conhecimento já não se realiza tanto pela abstração, através da perceção analítica, mas mais pela sensação que privilegia a perceção global (Ferrés 1996: 14). E é neste cruzamento epistemológico que a escola se encontra, debaixo de uma tensão que a coloca entre a sua tradicional hierarquização racionalista dos conceitos, em que se “impõem condições prévias às aprendizagens”; e uma nova realidade, liderada pelos *mass-media* e pelas linguagens audiovisuais, que apontam para formas de pensamento e de expressão de cariz mais estético assentes no poder da emoção e que recorrem à imagem como “pano de fundo” para as suas narrativas. Neste contexto, o vídeo e sua expressão cinematográfica assumem-se, actualmente, como os grandes representantes dos recursos audiovisuais, já que respondem à sensibilidade dos jovens e à grande maioria da população, solicitando constantemente a sua imaginação (Moran 1995).

Perante esta realidade, e usando os recursos audiovisuais, nomeadamente o cinema uma linguagem tão próxima daquela que é utilizada no quotidiano, pensamos que faz todo o sentido apropriarmos-nos do seu potencial comunicativo, trazendo-os para as salas de aula (virtuais) para, de um modo consciente, torná-los em ferramentas de mediação pedagógica capazes de contribuir para a grande odisseia da escola moderna que se vai ancorando em perspectivas socioconstrutivistas e que coloca o estudante no centro do processo pedagógico.

Com efeito, a necessidade de integração destes recursos parece-nos ser um dado inquestionável, uma vez que, não sendo substitutos do professor, mas estando intrinsecamente ligados ao quotidiano das famílias, assumem-se como um precioso elemento auxiliar do professor, visto que, e como Carvalho salienta: “a experiência audiovisual exerce uma função informativa alternativa, tornando a realidade mais próxima à medida que permite exemplificar conceitos abstratos, ampliar concepções e pontos de vista, simplificar a compreensão da realidade e estimular a reflexão sobre fatos/acontecimentos a partir do contacto com imagens” (1998: 2).

E, precisamente, porque a experiência audiovisual permite uma aproximação eficaz à realidade, tornando próximo e familiar o que parecia distante e incompreensível, clarificando conceitos, estabelecendo pontes com o mundo exterior, encerra em si própria importantes capacidades motivacionais; tanto mais que os estudantes são sensíveis à comunicação pela imagem. No entanto, a abordagem à utilização deste recurso não deve esgotar-se nos ganhos motivacionais, embora, circunstancialmente, este possa ser o objectivo pedagógico que se pretende. Para que o uso do filme não se esgote apenas em questões motivacionais, o professor, enquanto orientador e gestor da sala de aula (virtual), deve realizar uma reflexão prévia que o leve a encontrar as razões justificativas para a utilização de determinados filmes e, simultaneamente, deve apropriar-se da linguagem audiovisual que o cinema comporta no sentido de uma análise crítica capaz de lhe garantir que essas imagens fílmicas possuem os níveis qualitativos necessários para atingir os objetivos pedagógicos previamente formulados.

Com efeito, observado de uma determinada perspetiva e com objetivos e tarefas bem definidas, o filme educativo torna-se algo mais do que um momento de emoção e diversão podendo converter-se numa experiência viva e interessante, que ajuda os estudantes a alargarem conceitos, a pensarem e a confrontarem-se criticamente com outras realidades, a interiorizarem valores que se dispersariam numa incerta pesquisa, a agarrar ideias que não cabem dentro de definições, nem se compreendem totalmente através da leitura de um texto. Jacquinot-Delaunay (2006) a este respeito observa que, independentemente das diferenças que separam o ambiente escolar do ambiente cinematográfico, durante a exibição de um filme, o que determina o maior ou menor interesse dos estudantes perante o seu visionamento é o contexto pedagógico em que se insere a estratégia.

No cerne dessa atitude está, pois, a forma como o professor encara essa ferramenta pedagógica e tecnológica, a capacidade que tem em integrá-lo de forma oportuna num conjunto de outras estratégias e recursos didáticos ou no aproveitamento que dele retira como método de abordagem ao próprio tema. Quando mais oportuno e útil for o filme, quanto mais os estudantes sentirem que têm nele uma oportunidade de compreender melhor as questões em estudo, de completar um “puzzle” que sem o filme ficaria inacabado, melhor será a sua adesão à metodologia.

A nossa prática profissional, em instituições que promovem o uso destes novos ambientes, tem contribuído para uma reflexão constante acerca das possibilidades de didatização destes recursos audiovisuais. Assim, com o intuito de estudar fundamentadamente estas questões, mas também de procurar ajudar os professores a utilizar pedagogicamente estas ferramentas pedagógicas, neste texto apresentamos uma proposta metodológica de exploração didática, no sentido de promover o uso eficiente do filme educativo em ambientes virtuais de aprendizagem.

2. POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DIDÁTICA DO FILME EDUCATIVO

Pela diversidade de situações de aprendizagem que possibilita, o filme deve ser entendido na sua dupla vertente de objeto de estudo e de recurso pedagógico. Enquanto objeto apresenta uma linguagem própria que deverá ser entendida e explorada por estudantes e professores; e enquanto recurso pedagógico deverá corresponder sempre a objetivos educativos, estar relacionado com os currículos e integrado numa planificação que estabeleça as relações com atividades a desenvolver antes, durante e depois do visionamento.

A respeito da sua utilização, enquanto recurso pedagógico, Férres (1988, 1996) aponta algumas possibilidades de utilização didática que apresentamos a seguir. Note-se que apresentamos aquelas que consideramos poder ser enquadradas em ambientes virtuais de aprendizagem, caso da vídeo-lição ou do programa motivador que podem ser extremamente eficazes neste tipo de ambientes.

- a) *La vídeo-lección*. A vídeo-lição pode ser considerada como o equivalente a uma aula magistral, com a diferença de que o professor é substituído pelo programa de vídeo. Sendo o método expositivo aquele que, certamente, ainda prevalece no seio das práticas lectivas mais comuns, é natural que a primeira forma que a escola encontrou para integrar a tecnologia do vídeo nas suas metodologias tenha sido, justamente, replicar em linguagem vídeo aquilo a que mais esteve acostumada desde sempre. Ou seja, a primeira tendência terá sido simplesmente transpor para o ecrã exactamente a mesma cena que habitualmente se desenvolve “ao vivo” e “em directo” na sala de aula. Isto não significa que esta modalidade não seja válida, pois ao serem expostos visualmente determinados conteúdos através do uso de imagem em movimento e som, acaba, muitas vezes, por ganhar um carácter mais dinâmico do que o da aula convencional e ser mais estimulante para quem assiste. Estas vídeo-lições são didaticamente eficazes utilizadas: com funções informativas, para transmitir informações que precisam de ser ouvidas e/ou visualizadas; como reforço da explicação prévia do professor em sala de aula física; ou com funções de avaliação e pesquisa, dando, por exemplo, um questionário ou uma grelha de observação aos estudantes antes do visionamento, com o intuito de extraírem do filme as informações mais pertinentes (Petters 2001). Em ambientes personalizados de aprendizagem (*personal learning environments*),

esta metodologia também se mostra interessante, na medida em que permite uma maior versatilidade, podendo o documento vídeo ser visionado várias vezes, a diferentes ritmos e em diferentes locais. É uma metodologia muito interessante para utilizar em ambientes virtuais, porque, por exemplo, no ensino experimental, permite que sejam apresentadas determinadas técnicas laboratoriais onde há a possibilidade de as rever quase de forma infinita.

- b) *El programa motivador*. É um programa destinado, fundamentalmente, a suscitar um trabalho posterior ao visionamento. Mais do que expor conteúdos, o programa motivador tem como objetivos provocar, interpelar e despertar o interesse do leitor. Enquanto a vídeo-lição se baseia na pedagogia *do durante*, o programa motivador trabalha com a pedagogia *do depois*, já que a aprendizagem realiza-se, sobretudo, depois do visionamento. Deste modo, com a apresentação destes documentos, pretende-se que o estudante, através do que vê, faça inferências, deduções, raciocínios e parta para descobertas de conhecimento que, não estando propriamente explícito no filme, pode vir a ser adquirido. O papel do professor pauta-se pelo provocar de respostas ativas por parte dos estudantes, tendo o filme como um recurso que serve de estímulo ao debate, à pesquisa, à criatividade e à execução propriamente dita. Este tipo de documento, do ponto de vista morfológico, é um produto acabado que forma uma unidade expressiva, normalmente com qualidades técnicas de tipo profissional, constituída pela combinação de imagens, sons, narrações, com uma duração e um ritmo previamente estabelecidos.
- c) *El vídeo-apoyo*. Nesta modalidade de uso didáctico, o vídeo tem como função ilustrar o discurso (verbal ou escrito) do professor. Trata-se de uma forma mais criativa de uso do filme, uma vez que o carácter dinâmico da aula se mantém através da interação, tendo o professor que usar também da sua criatividade e do seu critério pedagógico para a seleção dos fragmentos filmicos e para a forma como os vai integrar no seu discurso de modo a que nem as imagens filmicas nem o professor se anulem. Este trabalho de seleção de fragmentos, não sendo tarefa fácil, aumenta o nível qualitativo da proficiência do professor e pode mesmo assumir um patamar ainda mais elevado de qualidade de ensino quando os estudantes são também eles convidados a colaborar nesta tarefa, entrando-se, assim, numa aprendizagem colaborativa bem mais compatível com os referenciais teóricos da escola socioconstrutivista. Com esta metodologia, pode criar-se na sala de aula (virtual) um ambiente mais dinâmico e mais atrativo propiciador de construções de aprendizagens mais significativas, tendo em conta a flexibilidade que permite uma adequação ao ritmo de aprendizagem dos estudantes.
- d) *El vídeo-concepto*. Ferrés (1996) define o vídeo-conceito como um “filme tijolo” que o professor coloca onde deseja para conseguir um ponto de referência, ou para completar um vazio ou um ensinamento. Esta abordagem caracteriza-se pela brevidade e pela especificidade, uma vez que se tratam de filmes,

normalmente sem palavras, com uma duração de poucos minutos e que apresentam apenas um conceito, uma ideia, um pequeno facto, um fragmento de um tema, através de uma linguagem predominantemente visual. Estes filmes destinam-se quase sempre a suscitar determinada atividade, embora também possam apresentar, por vezes, uma validade intrínseca de conteúdo.

3. UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE EXPLORAÇÃO DIDÁTICA DE FILMES EM SALA DE AULA (VIRTUAL)

A utilização de filmes pelos professores na sua prática diária deve corresponder a uma necessidade pedagógica e estar integrada na metodologia utilizada de forma a serem desenvolvidas todas as potencialidades destes objetos de aprendizagem. No artigo *Using Instructional Video in the Classroom*⁶⁹ são apresentadas algumas vantagens da utilização do objecto cinematográfico nas salas de aula, tais como a possibilidade de realizar expedições ao mundo natural ou a possibilidade de viver experiências visuais únicas (2006 *Educational Communications Board*). Também nalguns documentos orientadores disponibilizados por entidades como o *National Teacher Training Institute*, ou o *KQED Education*, encontramos uma sucessão de propostas práticas que, passo a passo, permitem delinear toda uma aula. Foi, sobretudo, com base nestes documentos que desenvolvemos uma proposta metodológica de exploração didática de filmes aplicável a ambientes virtuais. Note-se que esta proposta é apenas um exercício de experimentação e os procedimentos sugeridos devem ser adaptados em função do ambiente, do espaço e do tempo disponível para a atividade, conhecimentos prévios,...Esta dinâmica de análise que apresentamos é composta por quatro fases principais, tendo cada uma destas fases vários momentos.

A primeira fase é designada de *Preparação* ou *Planificação* e refere-se à etapa prévia à visualização do filme. Num primeiro momento, o professor deve selecionar e visualizar o filme e verificar se é adequado ao (s) objetivo (s) que se pretende (m) alcançar e aos seus destinatários. Depois, num segundo momento, deve preparar as atividades a desenvolver e conceber os materiais pedagógicos de apoio a utilizar nas fases posteriores. Entre estes materiais, destacamos a construção de uma guião de leitura do filme para uma leitura inicial global e funcional e uma grelha de observação que deverá ser disponibilizada aos estudantes antes da sua visualização no sistema de gestão de aprendizagem (*Learning Management System- LMS*).

⁶⁹ Adapted with permission from Thirteen/WNET's National Teacher Training Institute, New York City, N.Y.



Figura 1- Grelha de Observação

Esta grelha poderá ser construída em função de um filme específico ou poderá ser uma grelha adaptável à generalidade dos casos, com uma área destinada a uma leitura mais globalizante (*aspectos positivos, aspectos negativos, ideias principais...*), outra área para uma leitura mais concentrada (*descrição do contexto e das situações; reconstrução da temática, da história*) e uma área de leitura funcional (*palavras-chave*).

Ainda antes de iniciar a segunda fase, é necessário que o professor clarifique como é que o estudante terá acesso ao filme, sendo que o estudante poderá ter de o adquirir ou poderá visualizá-lo no *LMS*.

A segunda fase designa-se de *visualização, leitura e análise do filme* e refere-se à sua visualização. Nesta fase o professor deve fornecer aos estudantes os materiais de apoio pedagógico elaborados na primeira etapa- guião e a grelha de observação-, que os deve encorajar a uma visualização ativa e a efetuar uma avaliação de conceitos. Como esta visualização é realizada individualmente pode-se sugerir aos estudantes que realizem várias visualizações, primeiro uma visualização integral para uma leitura global e depois visionamentos parcelares, com pausas, para uma análise mais concentrada e fina. Para esta segunda etapa, consideramos que uma semana é um período adequado para a sua realização.

Grelha de Observação e Análise de Sequências Fílmicas

Consideremos as sequências de imagens como...
uma linguagem; um produto histórico e um veículo de comunicação

Análise Globalizante	
Exposição das ideias principais	O filme recorda a história de amor de D. Pedro I e D. Inês de Castro. A ação passa-se em Portugal, em meados do séc. XIV. Após a morte de Inês, sentenciada pelo rei (D. Afonso IV), D. Pedro tornou-se um homem atormentado pela dor e pelo desespero; jamais perdoará aqueles que mataram Inês. Obcecado pela Justiça, D. Pedro, já rei de Portugal, sacia a sua sede de vingança, culminando com a cruel execução dos antigos conselheiros de seu pai, culpados pela sentença contra Inês de Castro. A transladação do corpo de Inês para o mosteiro de Alcobaça inicia a profunda homenagem do rei à sua amada. Afirmando perante a corte a legitimidade da sua união com ela e dos filhos que tiveram, D. Pedro declara-a Rainha de Portugal.
Apresentação dos aspectos positivos/negativos	<p><u>Aspectos positivos:</u> A construção da narrativa, com recurso à analepse, conjugada com o presente da ação; representa-se, deste modo, a instabilidade, a desorientação e a perturbação íntima do protagonista, que vive entre o passado, em que foi feliz, e o presente, mergulhado na dor. Trata-se de uma técnica narrativa que enriquece a obra, pois, por si só, transmite um significado, coerente com o conteúdo do filme. Um outro aspeto positivo é a conjugação entre pólos antagónicos que se entrecruzam na vida humana e na própria História: por um lado, o amor e o desejo, a ânsia de liberdade e felicidade; por outro, o dever, a razão (neste caso, a razão de Estado), a ambição, o calculismo e a violência. Estes fatores são abordados de forma complexa e estão presentes em todas as personagens, de uma forma ou outra. O mito romântico de Pedro e Inês é desconstruído e a história, recontada, aparecendo D. Pedro como a maior vítima da tragédia (e não Inês, como no imaginário romântico e popular).</p> <p><u>Aspectos negativos:</u> As falas nem sempre são claramente audíveis, o que deveria ter sido mais acautelado, tendo em conta, sobretudo, que se optou por usar o Português da época. Outro aspeto negativo é o caráter algo teatral de algumas atuações (por parte de certos atores secundários), que traduzem mal o dramatismo da ação.</p>

Figura 2- Exemplo de uma grelha de observação documentos videográficos

A terceira etapa intitulada de *Debate e Reflexão* é a fase em que o professor disponibiliza o espaço da sala de aula virtual (o fórum) onde apresenta os referenciais teóricos, considerados pertinentes para a análise do filme, sendo os estudantes convidados a debatê-lo apresentando as suas próprias reflexões. Este debate consequente constitui a essência da aprendizagem, porque é através desta discussão que o documento cinematográfico é decomposto em unidades mais pequenas de análise, os excertos do filme, que são discutidos em função dos conhecimentos de cada estudante e da informação proveniente das suas grelhas de observação e da bibliografia consultada. Sempre que o professor considere pertinente pode e deve ir fornecendo informação complementar, proporcionando, assim, ao estudante, conhecimentos mais aprofundados acerca do tema. O documento cinematográfico é desta forma decomposto em unidades mais pequenas de análise, dando origem a diferentes perspetivas que vão emergindo e que vão constituindo a essência da aprendizagem. Também, nesta etapa, consideramos que uma semana é um período adequado para o seu desenvolvimento, no entanto, podemos considerar ciclos semanais, porque esta análise pode dar origem a novas sequências de visionamento cada vez mais finas e estruturadas de acordo com os objetivos definidos, podendo, pois, prolongar-se de uma forma cíclica.

Finalmente a quarta e última etapa designada *Conclusão e Verificação* refere-se à síntese final da atividade, onde o professor pode solicitar aos estudantes um trabalho que

integre as aprendizagens realizadas e que possibilite a aferição dos conhecimentos adquiridos. Nesta etapa, o professor pode sugerir leituras complementares, outros recursos audiovisuais que abordem os mesmos temas, sites de pesquisa ou outras actividades.

REFLEXÃO FINAL

O filme, como verificámos, enquanto meio de comunicação, possui um enorme potencial educativo, mas a sua utilização didáctica exige um esforço permanente por parte do professor na procura das soluções mais adequadas a cada situação. No entanto, na qualidade de formador de professores, temos constatado que esta utilização didáctica das imagens filmicas, sejam de natureza ficcional ou documental, nem sempre tem sido realizada de forma adequada na sala de aula. Parece-nos que, muitas vezes, cai-se em situações de *facilitismo didático*, quer delegando nos documentos filmicos toda a capacidade de transmissão de informação numa aula, quer reduzindo o seu papel a questões meramente relacionadas com motivação. E, na nossa opinião, este tipo de procedimentos deve-se, por um lado, à falta ou à deficiente formação dos professores na dimensão didáctica e, por outro, à ausência de uma planificação consistente. Com frequência a incorporação destes recursos audiovisuais faz-se improvisando, sem estabelecer um plano e uma estratégia pré-definida o que, necessariamente, acaba por lhes retirar eficácia pedagógica.

Assim, para uma adequada integração filme na sala de aula (virtual), numa perspectiva ampla e condizente com uma leitura atual das tecnologias, é necessário, não só ter em conta as dimensões técnica e expressiva do filme, mas também, e sobretudo, a dimensão didáctica. É pois, crucial que os professores desenvolvam competências nesta área para eliminar estas práticas enformadas de limitações pedagógicas e o exemplo da proposta apresentada neste texto é apenas uma hipótese, entre as imensas existentes, que podem promover o uso eficiente do filme educativo em plataformas digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, E., 1999, "Cinema, História e Educação", Teoria e Prática da Educação, 3 (5), 121-131.

FERRÉS, J., 1988, Como Integrar el Video en la Escuela. Barcelona, España, Ediciones CEAC, S.A.

FERRÉS, J., 1996, Vídeo e Educação. Porto Alegre, Artes Médicas.

JACQUINOT-DELAUNAY, G., 2006, Imagem e Pedagogia. Lisboa, Edições Pedagogo.

MORAN, J., 1995, "O vídeo na sala de aula", Comunicação & Educação, 2, 27-35.

PETERS, O., 2001, Didática do ensino a distância. São Leopoldo, Unisinos.

TOOLS AND THECNQUES FOR USING SPARK IN THE CLASSROOM (s.d.). Kqed, 1-10.
<<http://www.kqed.org/assets/pdf/arts/programs/spark/video.pdf>> (acesso em 24-04-2011).

TIPS FOR USING INSTRUCTIONAL VIDEO AND PUBLIC TELEVISION IN THE CLASSROOM(s.d.). NTTI, 2.1. 2.19.
<<http://www.thirteen.org/edonline/ntti/formanagers/02Media.pdf>> (acesso em 24-04-2011).

USING INSTRUCIONAL VIDEO IN THE CLASSROOM (2006). Educational Communications Board, 2.1.
<<http://www.ecb.org/searchfiles/googleresults.html?q=using%20instructional%20video%20in%20class>> (acesso em 23-04-2011).